

GEORGE LUIZ ARAUJO DE LEMOS

BRASIL,
TERRA DA MISTURA

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2024

CARRUAGENS PÚBLICAS

*“Não deixe o samba morrer
Não deixe o samba acabar
O morro foi feito de samba
De samba pra gente sambar..”*

Enquanto a música toca alto, o futebol acontece em um campo de tamanho pequeno em frente à Comunidade dos Esquecidos. São quatro da tarde de um domingo, céu azul. O time de Emanuel acaba de perder. Saindo de campo cabisbaixo, ele e seu amigo sentam-se.

– Caramba, aquele cara é muito ruim. Perdia a bola pro Anthony o tempo todo – diz ao seu amigo, Fernando.

– O nome dele é Abelha. Perdemos por culpa dele, mas fica quieto.

– Por quê?

– Ele é o dono da boca de fumo daqui.

– O quê? Por que você não me falou nada?

– Pra quê?

Nesse momento, Abelha chega perto dos dois, cumprimentando-os com as mãos:

– Aí, cara, foi mal. Vocês jogam muito, mas hoje eu não tava bem. Tenho que ir embora agora, fiquem na paz.

– Tranquilo, cara – responde Fernando.

Enquanto ele se distancia, Emanuel diz:

– Fiquei perto de morrer por causa de você, seu idiota! E se eu reclamo com ele? Poderia ser fuzilado e tudo!

– Que nada, ele é tranquilo. Agora você só tem que tocar a bola pra ele sempre, senão pode dar merda.

– Dá merda mesmo é quando a gente toca a bola pra ele!

Os dois sorriem. Descalços, suados, ficam olhando os colegas jogarem e, de vez em quando, observam as garotas que passam perto. O verde da grama parece um tapete de recepção, porém, ele não está na entrada de um prédio chique, mas sim de umas das comunidades mais violentas da cidade. Todas as semanas a polícia entra lá. Quando anoitece, os rapazes vão para casa. Ao lado do campo, há uma quadra de esportes que também estava tendo uma partida; no entanto, a falta de luz natural colocou um ponto final no jogo de futebol. A prefeitura prometeu comprar refletores e colocar no lugar. Fazia dois anos que o município prometeu, para a comunidade, o equipamento.

Chegando em casa, sua mãe está se arrumando para ir à igreja.

– A janta tá no forno – ela avisa

– Certo. Tá indo pra igreja evangélica, é?

– Sim. Algum problema com isso?

– A senhora é evangélica ou católica?

– Eu sou de Deus, meu filho. De Deus!

– De Iemanjá também é?

– Também! Sua mãe é abençoada por todo mundo, meu filho!

– Tá bom...

– E você deveria tomar vergonha nessa sua cara e começar a ir para a igreja, ao invés de ficar jogando bola feito um vagabundo!

– Mãe...

– E cala sua boca! Vai tirar essa sujeira e comer!

– A senhora é braba demais pra ser abençoada... – diz em tom baixo.

– Você falou o quê?

– Nada, não...

– Pensei ter escutado você falar alguma coisa!

– Foi impressão sua.

– Enfim, estou indo.

Ela acaba de se arrumar e sai de casa. Dona Carmen é do tipo que não guarda palavras para si. Com a pele preta, cor do bom-bom de caixa, anda pelas ruas com sua bíblia, cantando hinos e cumprimentando os irmãos de fé que encontra no caminho. No dia seguinte, Emanuel acorda cedo. Começa a se organizar para ir ao estágio que acabara de ingressar. Esse será seu primeiro dia. Os dois moram em uma casa situada em um bairro popular, longe do centro. O rapaz chega no ponto de ônibus ainda dormindo, com a cama nas costas. Só há um transporte que passa onde ele precisa ir e, por isso, o tempo de espera deverá ser longo.

Após meia hora, o ônibus dobra a esquina e aparece. Emanuel sinaliza o embarque, assim como mais uma dúzia de pessoas. O veículo está cheio, mas não há muito tempo para escolhas. Após esperar os outros subirem, ele finalmente sobe. A catraca fica na parte da frente e, quando finalmente a atravessa, percebe que não há muito espaço sequer para ficar em pé. Aos poucos, vai arrumando um

lugar, ainda que não seja sentado. O ônibus vai ficando mais cheio. Pela porta de trás, sobe um vendedor ambulante com um saco de pipoca e um isopor, aproveitando a descida de uma passageira.

– Água, pipoca! Está calor, vamos beber água, minha gente!

Um das duas pessoas compram. O vendedor desce e, na mesma parada, sobe um adolescente, com roupas sujas e um pouco rasgadas, também pela porta de trás. Ele anda até a frente, um pouco antes da catraca, e diz:

– Amados, eu queria começar desejando a todos um bom dia. Bom dia pessoal!

Três pessoas respondem.

– Obrigado pelo bom dia – responde o rapaz – Amados, eu estou aqui em situação de desespero. Benção, eu tenho três irmãos mais novo e nós mora junto com minha mãe. Meu pai morreu, ele foi preso e acabou morrendo na prisão, amados. Ei! Benção! Eu não tenho vergonha de estar aqui não! É melhor pedir, se humilhar, do que ficar mexendo naquilo que é dos outros, não é, meus amados? Então, se você tiver cinco, dez, cinquenta centavos, um real, vai me ajudar muito. Minha mãe não pode trabalhar porque tem um problema na perna. Qualquer valor pode me ajudar, irmãos. Também aceito um biscoito, um pão, qualquer coisa serve. O pouco com Deus é muito, mas o muito sem Deus é nada, não é, amados? Se algum de vocês puder me ajudar, eu aceito.

Uma senhora levanta a mão, chamando-o. O rapaz se aproxima e ela dá dez centavos.

– Obrigado irmã, Deus lhe abençoe. Mais alguém, gente? Mais alguém pode me ajudar?

Outra pessoa lhe dá cinquenta centavos.

– Obrigado. Mais alguém gente?

Ninguém se manifesta. Então ele pede parada e desce, já procurando um outro ônibus para subir. Já são quarenta minutos de viagem e Emanuel permanece em pé. Ao menos, uma pessoa que estava sentada pediu a sua mochila para segurar. Dez minutos depois, sobe uma moça pela porta de trás com um violão. Ela vai até a frente do ônibus e diz:

– Bom dia, pessoal!

Ninguém responde.

– Nossa, como vocês estão tristes! Eu vou falar de novo. Bom dia, pessoal!

Algumas pessoas respondem.

– Muito obrigado pelo seu educado bom dia. Me chamo Sara, sou artista de rua e queria mostrar um pouco da minha arte para vocês.

Então ela começa a tocar uma música.

*“Quem sabe eu ainda sou uma garotinha
Esperando o ônibus da escola sozinha
Cansada com minhas meias três quartos
Esperando a ônibus da escola
Por ser uma menina má...”*

Quando acaba de cantar a canção, ela diz:

– E quem gostou bate palmas!

Os aplausos saem.

Ela toca outra canção e, no final, pede aplausos novamente. Parece que o público gostou, então aplaudem.

– Muito obrigado pelos aplausos de vocês. Eu vou passar agora recolhendo qualquer moeda que vocês quiserem me dar. Agradeço a todos aqueles que puderem me ajudar e para aqueles que não puderem, agradeço da mesma forma.

A moça passa recolhendo algumas moedas. Ela pede parada e desce. Por fim, chega o ponto de Emanuel. Ele encontra o local do estágio e entra. Está cerca de quinze minutos adiantado. Se apresenta para o porteiro e este lhe indica o setor. Emanuel irá estagiar em um laboratório estadual, na área de administração. Quando chega no setor indicado, é recepcionado pelo seu chefe.

– Bom dia, Emanuel!

– Bom dia!

– Venha, vou lhe mostrar onde você irá ficar.

Após seu expediente, pega um ônibus direto para a faculdade. Ele cursa Administração à noite, em uma universidade privada. Sua mãe estava pagando as mensalidades, mas, agora com o estágio, ele poderá dividir com ela. Quando chega na sala de aula, Fernando lhe pergunta:

– E aí? Como foi o primeiro dia lá?

– Foi tranquilo. Pelo menos parece que vai ser.

– Agora falta eu conseguir o meu estágio.

– Daqui a pouco você consegue, está cheio de vagas na nossa área.

No intervalo, vai beber água e fica olhando para o pátio. Ele vê uma morena, de um tom de pele nem muito escuro nem muito claro, bronzeada, com longos e belíssimos cabelos castanhos

cacheados, que parecem ter sido desenhados por um pintor habilidoso. Fica olhando para ela fixamente por alguns segundos; ela estava de lado, porém, por um segundo, vira o pescoço e o observa. Então volta a cabeça para sua posição original. Ele mantém o olhar por mais algum tempo, e depois vai embora.

No final da aula, ele e Fernando vão para o ponto de ônibus que está lotado. A linha que eles pegam demora muito e lá se vão trinta minutos de espera. Até que finalmente a condução aparece. Boa parte das pessoas começa a se mobilizar, tentando achar um melhor posicionamento para embarcar na frente, quando o ônibus parar. Todos sobem e o ônibus sai. Fernando e Emanuel vão em pé; aliás, quase todos os dias é dessa forma. À medida que a viagem vai acontecendo, ao longo de quase cinquenta minutos, as pessoas vão descendo e eles conseguem se sentar. No entanto, há um estranho engarrafamento perto da casa deles. Ao longe, conseguem ver luzes de ambulância e da polícia. Quando finalmente o ônibus passa pelo lugar onde foi feito o gargalo no trânsito, veem um homem morto no chão, já coberto por um lençol.

– Quem será que é? – pergunta Fernando

– Não sei.

Ao chegar em casa, Emanuel questiona sua mãe.

– Oh, mãe, o que foi isso aí, hein?

– Isso aí, meu filho, foi o seu amigo.

– Amigo?

– Sim. Você não conhecia o Abelha?

– Não, a gente só jogou bola com ele. Era ele ali no chão?

– Sim.

EDITORA
www.editorapenalux.com.br
penaluxeditora@gmail.com

Livros iluminam

Este livro foi composto em Dante MT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
off-white 80 g/m², em maio de 2024.
